



O ESTUDO DO MEIO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM GEOGRAFIA: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO BOSQUE MUNICIPAL FÁBIO BARRETO – RIBEIRÃO PRETO/SP

Odair Ribeiro de Carvalho Filho
or.cf@usp.br¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados parciais de aprendizagens adquiridas por meio da análise de relatórios feitos com alunos do 1º ETIM (Ensino Médio integrado ao Técnico) de Administração da Etec José Martimiano da Silva. O Estudo do meio foi realizado após aulas expositivas e debates sobre o conteúdo de “Conceitos fundamentais em Geografia: Espaço Geográfico, paisagem, Ação antrópica e cultura”. A saída a campo fez parte do processo da metodologia do Estudo do meio, pelo qual os alunos perceberam a complexidade da realidade e das ações antrópicas presentes. Como referencial teórico, usamos Nidia Pontuschka (2004;2007;2009) para conceitualizar Estudo do meio e seu funcionamento, Ausubel (2003) para entender a ideia de aprendizagem significativa e Roque Moraes (1999) para fazer a análise de conteúdo. A pesquisa tem viés qualitativo de análise de material, no caso, de relatórios de alguns alunos como amostragem da própria aprendizagem dos conceitos. O ponto central do processo é levar os alunos a ampliar a leitura de mundo dentro de uma metodologia interdisciplinar e diferenciada nas aulas de Geografia no ETIM.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Estudo do meio; Análise de relatórios.

Introdução

O trabalho apresentado foi resultado de uma análise de relatórios² feitos como forma de avaliação após um Estudo do meio realizado no Bosque Municipal “Fábio Barreto”, no município de Ribeirão Preto/SP no mês de Março do ano de 2018. A sala alvo da pesquisa foi

1 Possui graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2007), graduação em Pedagogia (Licenciatura) pela Universidade de Uberaba (2010) e graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Metropolitana de Santos (2014). Possui Pós-Graduação em Ética, Valores e Saúde na Escola - Universidade de São Paulo - USP - Ribeirão Preto (2012) Atualmente é Professor de Geografia da ETEC José Martimiano da Silva e ETEC Ângelo Cavalheiro; Professor de Geografia da Rede municipal de educação de Ribeirão Preto e membro pesquisador do Grupo de Estudos da Localidade - ELO, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) Ribeirão Preto - SP. Aluno regular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP).

2 Optamos por selecionar apenas quatro relatórios para realizar a análise devido ao número de páginas do trabalho no evento, e ao fato de a pesquisa se concentrar em estudar alguns conceitos bases no ensino de Geografia. A análise dos relatórios selecionados será feita na parte específica por meio de pequenos trechos para melhor entendimento.



o 1º Ensino Médio integrado ao Técnico (ETIM) de Administração de uma unidade da ETEC Paula Souza.

Os alunos desenvolveram um estudo de conceitos fundamentais em Geografia por meio de uma metodologia que envolveu aulas teóricas, trabalho de campo interdisciplinar e retorno à sala com debate e elaboração de escrita de relatórios nos quais podemos perceber indícios da apropriação de conceitos em Geografia como Espaço Geográfico, paisagem, ação antrópica e cultura pelos alunos.

Na sociedade contemporânea líquida que vivemos (BAUMAN, 2001), a Escola é diluída das suas funções essenciais, sendo uma delas a aprendizagem por meio do ensino de vários componentes do conhecimento científico acumulado pela humanidade. Ensinar e discutir assuntos está mais complexo de se atingir com êxito e plenitude nos mais diversos ambientes educacionais formais e não formais.

Cabe ao professor gerir inúmeras situações para promover situações de aprendizagem do coletivo no ambiente escolar. Os professores enfrentam o mundo globalizado e a enxurrada de dados e acontecimentos da chamada “sociedade da informação, assim como a sua manipulação” (CALHEIROS; CARDOSO, 2006).

A sala deve ser formada e construída por conhecimentos científicos acumulados pela humanidade. Dessa forma, é necessário rever constantemente seus meios de ação pedagógica para acompanhar a sociedade da informação no mundo contemporâneo. Um ponto fundamental é ver o aluno não mais como sujeito passivo do conhecimento, e sim como um ser ativo e com múltiplos saberes e conhecimentos prévios (AUSUBEL, 2003).

Com base nesse contexto educacional e social, o trabalho apresentado visa enriquecer as práticas docentes ao propor uma outra forma de olhar o ensino de Geografia, na qual a aplicação do Estudo do meio no ambiente escolar se torna fundamental (PONTUSCHKA, 2009).

As aulas de Geografia, muitas vezes, são restritas ao espaço das paredes da Escola e aos livros didáticos de forma segregada com a totalidade do conhecimento científico. Devemos, enquanto docentes e profissionais da educação, romper com este paradigma, propondo ações que visem à compreensão do espaço vivido e real (PONTUSCHKA, 2009).



As aulas de Geografia surgem como nova perspectiva em relação ao aluno, à Escola e ao espaço, pois o aluno passa a “ver” a Geografia em vez de “ler” a Geografia, permitindo, maior compreensão do espaço geográfico (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011).

O uso do Estudo do meio traz não somente a Geografia do espaço à tona, mas também questões sociais, culturais e econômicas em diferentes modalidades do presenciado, vivido e compartilhado, além de despertar a curiosidade epistemológica de todos os membros da comunidade escolar (FREIRE, 2000). Para Pontuschka (2009, p. 178),

Os Estudos do Meio podem fortalecer, para além de sua dimensão estatal, a dimensão pública da educação. Trata-se da organização de fóruns de discussão para os problemas vividos coletivamente pela comunidade onde a escola está inserida. Ao desvelar as injustiças sociais e outras questões que afetam o bem-estar de uma determinada comunidade escolar.

Dessa forma, o aluno e o professor desenvolvem um companheirismo e cumplicidade com uma análise do amplo leque que é a realidade. Essa possibilidade pedagógica e o trabalho com o ensino de Geografia, em uma sequência de atividades teóricas e trabalho de campo, permitem que a capacidade de observação, do mais simples ao mais complexo, seja desenvolvida em uma aprendizagem significativa do espaço geográfico (BOSCOLO, 2007).

O Estudo do meio pode, ainda, alinhar diferentes esferas do estudo da Geografia que vão do local ao Global, podendo relacionar à ideia de Glocalidade. Lastória e Mello (2008, p. 31) explicam:

[...] pensar o lugar como espaço que está intimamente relacionado com o global – glocalidade – é compreender a existência de uma tensão dialética entre aquilo que se entende por mundo e como o próprio se mostra nos diversos lugares do globo. É crer o local como muito mais que uma aldeia fechada em si mesma, mas uma aldeia que lê o mundo de sua forma e devolve ao mundo a sua leitura apropriada, específica, é ainda, creditar valor planetário a uma dimensão que até então era menosprezada pelos geógrafos.

Com a aplicação do Estudo do meio, o aluno e o docente, juntos, poderão pensar de forma interacionada e coesa as formas do espaço e sua constante transformação pelos agentes naturais e antrópicos na complexa rede de Glocalidade. O Estudo do meio, desta forma, traz múltiplas contribuições tanto para o campo teórico quanto para a prática para o ensino de



Geografia, numa perspectiva interdisciplinar. Para além disso, promove não apenas o ensino de Geografia, mas uma Educação Geográfica (CASTELLAR; VILHENA, 2010).

Baseado nessas reflexões sobre o ensino de Geografia em uma abordagem do Estudo do meio, desenvolvemos em uma unidade da ETEC Paula Souza com o 1º ETIM de Administração uma prática que envolveu conceitos fundamentais em Geografia. O objetivo foi de fazermos os alunos se apropriarem dos conceitos de espaço geográfico, paisagem, ação antrópica e cultura na prática, com o trabalho de campo orientado e avaliado. Para isto, a metodologia do Estudo do meio foi aplicada, e como produto obtivemos relatórios produzidos pelos alunos nos quais percebemos indícios de apropriações desses conceitos.

Metodologia do Estudo do meio e suas contribuições ao ensino de Geografia

Para estruturarmos a pesquisa apresentada neste texto, é necessário definir e afinar os conceitos que irão nortear o trabalho. A pesquisa será feita numa perspectiva à contribuição na educação geográfica. O tema proposto, o Estudo do meio, é definido como de grande importância para o ensino de Geografia por sair do tradicional, da abordagem tecnicista e descritiva. Existem diferentes designações e estratégias de se pensar, planejar e aplicar o Estudo do meio.

Considerando o referencial teórico inicial, identificamo-nos com o pensamento geográfico de Pontuschka (2004; 2009), Pontuschka e Oliveira (2007) e de Lopes e Pontuschka (2009; 2010), pois tratam de uma metodologia interdisciplinar e possuem uma complexidade de leitura da realidade por meio do uso do ensino de Geografia e de etapas para despertar a curiosidade pela paisagem, detectar os problemas existentes e estabelecer relação entre os fatos verificados e o cotidiano dos alunos (PONTUSCHKA, 2004).

Devemos destacar, ainda, que o Estudo do meio apresenta as seguintes etapas: encontro dos sujeitos sociais, visita preliminar e a opção pelo percurso, planejamento, elaboração do caderno de campo e a pesquisa de campo reveladora da vida (PONTUSCHKA; OLIVEIRA, 2007). Toda essa complexidade é muito bem afinada nas obras citadas acima, tendo uma elaborada base teórica e conceitual.

Seguindo a linha de pensamento reflexivo sobre o tema a ser pesquisado, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1998 de História e Geografia discutem a



importância e o que vem a ser o Estudo do meio para os dois componentes curriculares, embora que de uma forma superficial, notamos a relevância da sua aplicabilidade no espaço escolar.

Acaba sendo uma solução possível para sair do “[...] discurso descritivo tão enfadonho e pouco argumentativo, que tem tornado a Geografia uma das áreas menos atraentes para os jovens, e contraditoriamente mais fascinantes na vida das pessoas”. (BRASIL, 1998, p. 91). Para isso, é preciso encará-lo na sua complexidade:

O Estudo do meio não se relaciona à simples obtenção de informações fora da sala de aula ou à simples constatação de conhecimentos já elaborados, encontrados em livros didáticos, enciclopédias ou jornais, que se pode verificar *in loco* na paisagem humana ou geográfica. Não se realiza um Estudo do meio para se verificar que as casas construídas no início do século seguem uma série de características relacionadas ao estilo neoclássico. E não se visita uma fábrica para simplesmente verificar, por exemplo, que existe uma divisão de trabalho entre os operários. (BRASIL, 1998, p. 89).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais denominam o Estudo do Meio como metodologia de pesquisa interdisciplinar, recurso didático, recurso pedagógico e demonstram como pensá-lo de forma prática no cotidiano escolar para “[...] um modo de aproximar a teoria escolar da observação direta” (BRASIL, 1998, p. 93). Os PCNs nos mostram uma forma de pensar o Estudo do meio próxima às ideias de Pontuschka, na complexidade das relações entre o currículo escolar e a apropriação do estudante de fato do conhecimento geográfico.

Dessa forma, os PCNs apontam que “olhar um espaço como um objeto investigativo é estar sensível ao fato de que ele sintetiza propostas e intervenções sociais, políticas, econômicas, culturais, tecnológicas e naturais, de diferentes épocas, num diálogo entre os tempos, partindo do presente”. (BRASIL, 1998, p. 95).

Entendemos que, no Estudo do meio, o docente é mediador no processo da construção e reconstrução do currículo e de um projeto educativo que pressupõe autonomia e valorização intelectual do discente (PONTUSCHKA, 2009), promovendo uma aprendizagem significativa. Esse conceito é trabalhado a fundo pelo psicólogo da educação Ausubel (1980), que admite um: “[...] processo pelo qual uma nova informação recebida pelo sujeito interage com uma estrutura de conhecimento específica orientada por conceitos relevantes,



determinantes do conhecimento prévio que ancora novas aprendizagens”. (AUSUBEL, 1980, p. 32).

Ausubel (2003) e Moreira (1999) discutem a importância da aprendizagem significativa e dos conhecimentos prévios para que ela ocorra de modo natural na sala de aula. Temos que a aprendizagem significativa é um processo, e como tal é preciso entender as variáveis que são responsáveis pelo desenvolvimento do mesmo, e, ainda, que ele é desenvolvido em um determinado tempo.

Não é uma simples associação, e sim uma "interação entre os aspectos específicos e relevantes da estrutura cognitiva e as novas informações, por meio da qual essas adquirem significados e são integradas à estrutura cognitiva" (MOREIRA, 1999, p. 82). Nesse processo, temos que destacar a importância dos conhecimentos prévios dos estudantes para o ensino científico.

A atenção de Ausubel está constantemente voltada para a aprendizagem, tal como ela ocorre na sala de aula, no dia a dia da grande maioria das escolas. Para ele, o fator isolado que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe (conhecimento prévio-vivência e experimentação de mundo) [...] Novas ideias e informações podem ser aprendidas e retidas, na medida em que conceitos relevantes e inclusivos estejam adequadamente claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo e funcionem, dessa forma, como ponto de ancoragem às novas ideias e conceitos. (MOREIRA, 1999, p. 152).

Os conhecimentos prévios são um dos pontos de interesse na obra de Ausubel para nossa investigação sobre a importância e aplicabilidade do Estudo do meio para a aprendizagem significativa no ensino de Geografia. A compreensão do espaço é montada por meio da escola e da vivência constante do ser humano.

Para desenvolvermos este Estudo do meio, tendo os relatórios como produto final dos estudantes, foi preciso discutir os conceitos fundamentais em Geografia, aqui apresentados, a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes. Uma construção coletiva do conhecimento em sala para posterior saída a campo de forma organizada e interdisciplinar.

Análise dos conceitos estudados nos relatórios no âmbito do Estudo do meio



A atividade apresentada ocorreu no mês de março de 2018 na escola ETEC José Martimiano da Silva, no município de Ribeirão Preto. A sala em que foi realizado o Estudo do meio foi o 1º ETIM de Administração, no qual o conteúdo ministrado que estava previsto no currículo de Geografia denominava-se “Introdução aos estudos Geográficos”.

A sequência didática se iniciou com três aulas expositivas, em que foram tratados conceitos fundamentais em Geografia, espaço geográfico, paisagem, ação antrópica e cultura. Usamos a aplicação da ideia de Glocalidade (LASTÓRIA; MELLO, 2008) para discutir as mudanças no espaço de forma simultânea no global e no local. Foi agendado com os alunos um trabalho de campo no Bosque Municipal “Fábio Barreto”, para entender de forma dinâmica e eficaz os conceitos debatidos em aula.

Uma semana antes foi realizado um estudo sobre o Bosque em sala de aula, com utilização de mapas do local, sua constituição histórica e como espaço de preservação de resquício de Mata Atlântica no interior do estado de São Paulo³. Um espaço preservado de 250.880 metros quadrados no centro do Município de Ribeirão Preto, que abriga uma rica biodiversidade de fauna e flora local.

O Parque Municipal do Morro de São Bento (PMMSB) é uma unidade de conservação ambiental, sob responsabilidade da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, que abriga o Bosque e Zoológico Municipal Fábio Barreto, um complexo esportivo, um complexo cultural e a Praça Alto do São Bento. Foi criado para proteger uma área com atributos naturais importantes e proporcionar lazer à população, sendo um conhecido ponto turístico de Ribeirão Preto e região, principalmente por apresentar atrações tais como animais de vida livre, o Zoológico e o Jardim Japonês. (PEREIRA, 2018, p. 11).

A escola é vizinha ao bosque municipal, que também é de fácil acesso à população em geral e aos estudantes. Isto facilitou o trabalho de campo desenvolvido como parte do Estudo do meio. Antes do trabalho de campo, foram entregues autorizações aos alunos para podermos seguir com o trabalho. A saída a campo com os alunos os fazem participarem e exercerem a sua cidadania, eles não ficam estáticos, mas em movimento com tarefas que promovem resultados.

³ Para o trabalho em sala com os alunos, usamos, entre recursos multimídia e livro didático, a obra “Gigantes do Bosque” feita por professores da rede municipal de educação e da cultura de Ribeirão Preto.



Uma das etapas importantes do Estudo do meio é o trabalho de campo – a saída da escola já permite outro modo de olhar. O aluno pode, bem orientado, utilizar todos os seus sentidos para conhecer melhor certo meio, usar todos os recursos de observação e registros e cortejar as falas das pessoas de diferentes idades e profissões. (PONTUSCHKA; OLIVEIRA, 2007, p. 174).

O docente seguiu com quarenta alunos discutindo o espaço geográfico, paisagem, a cultura e a ação antrópica pelo caminho até entrar no bosque. Dentro do espaço, a aula expositiva e dialógica continuou com muitas intervenções dos estudantes para questionar, esclarecer dúvidas e anotar os elementos percebidos e vistos por eles em cadernos de campo e nos aparelhos de celular.

Na aula seguinte, o docente e os alunos realizaram o trabalho de campo em várias partes do Bosque, uma delas foi o mirante, para visualizar o centro do município de Ribeirão Preto. A ida ao mirante tinha como objetivo analisar e descrever os conceitos percebidos pelo caminho traçado até a visualização da paisagem urbana de Ribeirão Preto.

Durante o percurso, os estudantes observaram os detalhes das paisagens e do espaço urbano, os contrastes com o interior do Bosque Municipal e os agentes da ação antrópica, patrimônio, placas e resquício de vegetação de Mata Atlântica.

Na aula posterior foi feita uma roda de conversa na qual os envolvidos puderam esclarecer as dúvidas restantes quanto ao trabalho de campo, e o docente solicitou, como forma de avaliação em Geografia e em Língua Portuguesa⁴, um relatório do Estudo do meio, com o Bosque Municipal como elemento de análise dos conceitos estudados em aulas teóricas e no trabalho de campo.

Para melhor organização, elencamos quatro relatórios dos realizados pela turma de um total de quarenta. Entendemos que a aplicação de uma amostragem focada apresentará indícios de uma análise de conteúdo. Usamos a análise de conteúdo discutida por Moraes (1999, p. 8), que admite “A matéria prima de análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal”.

⁴ O docente realizou uma parceria com o professor de Língua Portuguesa neste Estudo do meio. Um dos elementos importantes do mesmo é a interdisciplinaridade de ações nas propostas (LOPES; PONTUSCHKA, 2010)



Para uma análise qualitativa, optamos por elencar em categorias (MORAES, 1999) subdivididas em espaço geográfico, ação antrópica, paisagem e cultura presentes nos relatórios. São fragmentos apresentados como forma de comprovar indícios de aprendizagem.

Os conceitos de paisagem e ação antrópica foram apreendidos pelos alunos. Podemos notar este fato pela frequência das palavras e aplicação dos conceitos dentro dos textos dos relatórios. No relatório I vemos “[...] perceber elementos invisíveis, a mudança do cheiro do local da saída até a chegada ao Bosque, [...] local onde preserva melhor os elementos naturais”. Notamos que a palavra paisagem não está escrita, no entanto o seu conceito está exposto.

No relatório II, a palavra e o conceito estão claramente postos “[...] vendo e sentindo um aglomerado de elementos visíveis e invisíveis da paisagem... os automóveis trafegando sobre o asfalto [...]”. Nos dois relatórios, também notamos indícios da apropriação da ação antrópica dissolvidos pela escrita. Ação vista no movimento da paisagem e na sua dinâmica com o ser humano. A palavra e o conceito de cultura estão dissolvidos de forma não coerente e, por vezes, de difícil compreensão ao leitor. Podemos notar na escrita quando cita criações humanas como automóveis, circulação de pessoas e área urbana e rural.

No relatório III, a paisagem e a ação antrópica ficaram nítidas pela palavra e pelo conceito “[...] em alguns pontos infelizmente existe um descaso com lixos, resíduos orgânicos jogados e lugares indevidos, entretanto a rua é rica de muita história e paisagem”, destaque para a paisagem em conceito no trecho “[...] inclusive os elementos invisíveis estão fortemente presentes como sons de grandes quantidades de movimentação dos veículos”.

No relatório IV, além de paisagem e ação antrópica, notamos de forma clara a palavra espaço como conceito geográfico na conclusão do texto no trecho “[...] fazemos uma análise do Espaço na prática, dessa forma conseguimos nos tornar cidadãos críticos [...]”. Embora não seja grande o trecho, podemos notar o alinhamento da noção de espaço ao de cidadão e à ação antrópica.

Como podemos perceber pela escrita dos relatórios, foram apreendidos os conceitos fundamentais na prática com o trabalho de campo. Na saída a campo, os alunos foram com blocos de anotações e celulares para fotografar os elementos do espaço e da paisagem. Muitos



questionamentos iam sendo feitos no caminho para o Bosque e muitas percepções nunca vistas antes foram sendo notadas. (PONTUSCHKA, 2009).

A aprendizagem ampliou-se para além do campo da Geografia, como descarte e decomposição do lixo, da sociologia, com questões sobre como são as relações sociais e os símbolos nas ruas e seus funcionamentos, e também os usos da tecnologia no cotidiano.

O ensino interdisciplinar foi posto à prova de forma contextualizada (LOPES; PONTUSCHKA, 2010). Na aula seguinte foi montada uma roda de conversa na qual os alunos puderam expressar suas aprendizagens por meio verbal e escrito, pelas anotações, e avaliarmos a importância que o trabalho de campo teve no contexto do Estudo do meio. Os relatórios foram confeccionados durante a aula sob orientações do docente no laboratório de informática, e em seguida impressos para maior facilidade de alunos e do professor.

Em seguida foram entregues como forma de avaliação e averiguação das aprendizagens com o Estudo do meio. Foi solicitado aos alunos que escolhessem uma foto dentre aquelas tiradas e realizassem uma análise com base nos conceitos fundamentais.

Podemos notar uma análise que leva em conta os conceitos discutidos em sala e no trabalho de campo com a mediação do docente responsável. A aprendizagem significativa foi desenvolvida mediante o que foi aprendido também a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes (AUSUBEL, 2003).

Foi feita uma análise de conteúdo por amostragem para observarmos indícios de apropriação de conceitos de Geografia. Estes conceitos não foram apropriados em sua total dimensão. Podemos dividir em dois grandes grupos: Paisagem e Ação antrópica, no qual houve muitos indícios de apropriação, e Espaço Geográfico e Cultura, no qual houve muito pouca apropriação segundo os textos.

O Estudo do meio foi peça fundamental para desenvolver esta aprendizagem, assim como a verificação de indícios de apropriação de conceitos presentes nos textos dos relatórios.

Considerações finais

Foi apresentado aqui uma prática educativa que envolveu o Estudo do meio como metodologia dialógica, contextualizada e interdisciplinar no ensino de Geografia. No caso em



especial, trabalharam-se conceitos fundamentais em Geografia, como espaço geográfico, paisagem e ação antrópica e Cultura.

Procurou-se, após a aula expositiva, propor um trabalho de campo e uma avaliação mais aprofundada da realidade. Partiu-se da teoria para a prática e desta para a teoria novamente, em um movimento dialético de ensino para chegarmos a uma aprendizagem significativa.

Para averiguarmos, parcialmente, o real aprendido com o Estudo do meio, optamos por propor para os alunos um relatório descritivo-analítico, no qual estivesse em anexo uma foto comentada e debatida à luz dos conceitos apresentados e vistos na realidade. Para a confecção desse relatório, os alunos mobilizaram diversos conhecimentos, prévios e científicos, para escreverem em forma verbal uma pequena parcela da complexidade da realidade.

O espaço de realização do trabalho de campo foi o Bosque municipal “Fábio Barreto”, área de preservação de resquício de Mata Atlântica e de educação ambiental do município de Ribeirão Preto. A entrada e permanência foi mediada pelo docente, em um trabalho prévio de reconhecimento do espaço e de suas potencialidades pedagógicas. Os resultados que se deram por meio dos relatórios são parciais.

Pudemos notar nas análises que as categorias espaço geográfico e cultura apareceram muito pouco, não sendo percebidas enquanto palavra e nem como conceito presente no trabalho de campo. A categoria paisagem e a ação antrópica foi aquela com maior frequência de ocorrência nos relatórios analisados, aparecendo tanto enquanto palavra como conceito.

A partir deste demonstrativo por amostragem, notamos que o Estudo do meio é eficiente enquanto ação para a cidadania e deve ser feito como ação mais incisiva de complemento às aulas teóricas. O fato do não aparecimento constante de dois termos discutidos nos releva que é importante um trabalho contínuo com esses termos.

O estudo sobre espaço e cultura não deve estar somente no início do ano e focal, e sim durante todo o ano letivo. Espaço geográfico e cultura são conceitos muito complexos para serem apreendidos de forma instantânea. O docente deve aprofundar com os estudantes esses dois conceitos, usando os conhecimentos prévios, para a sua real aprendizagem.



Apenas abrimos as portas para muitas práticas que envolvem ensino de Geografia, Estudo do meio, e análise da escrita de relatórios. Tentamos captar alguns indícios para demonstrar as potencialidades e os desafios da aplicação do Estudo do meio para a aprendizagem desses conceitos aos estudantes.

Referências bibliográficas

- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.
- _____.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **PCN: História, Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BOSCOLO, D. **Projetos de estudos do meio em escolas públicas em Santana de Parnaíba-SP**. 2007. 166 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CASTELLAR, S. V. J. **Ensino de geografia**: um breve referencial teórico e a educação geográfica. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- _____. Educação Geográfica e teorias da aprendizagem. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 129-272, 2005.
- CALHEIROS, A. A.; CARDOSO, C. S. Educação e Cidadania no contexto Glocal. In: VII Colóquio sobre Questões Curriculares (III Colóquio Luso-Brasileiro). 7. 2006, Braga. **Anais...** Braga, 2006. p. 1177-1185.
- CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 99-114, maio/ago. 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, 2009.
- _____. **Estudo do meio**: fundamentos e estratégias - Fundamentum 56. 1. ed. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.
- LASTORIA, A. C.; MELLO, R. C. Cotidiano e lugar: categorias teóricas da história e da geografia escolar. **Universitas**, Fernandópolis, v. 4, p. 27-34, 2008.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MOREIRA, M. A. **Teorias da Aprendizagem**. EPU: São Paulo, 1999.
- PEREIRA, M; [et al]. **Gigantes do Bosque**: Árvores do Parque Municipal Morro do São Bento, Ribeirão Preto: Os autores, 2018.
- PONTUSCHKA, N. N. O conceito de Estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 249-288.
- PONTUSCHKA, N. N; OLIVEIRA, U. A. (Orgs). **Geografia em perspectiva**: ensino de Geografia. São Paulo, Contexto, 2007.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. Y.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.